

Diferencial Extra

Jornal dos estudantes do Instituto Superior Técnico

<http://diferencial.ist.utl.pt>

X-Prize

Foi aberta a corrida ao espaço por iniciativa privada com a recente atribuição do Prémio-X. **Página 2**

Mudanças na dAEIST

Repararam na mudança de nacionalidade do presidente da associação de estudantes? Descubram tudo na **Página 3**

Feira das secções

Há muito tempo no pavilhão central... Esperava-se mais gente. **Página 3**

DocLisboa

Ocorreu no final de Outubro passado o festival de cinema documental de Lisboa. E bem perto do Técnico — na Culturgest. **Página 7**

Arco do Cego

Começaram as obras no antigo terminal rodoviário para a transformação em jardim. **Página 6**

Olímpicos

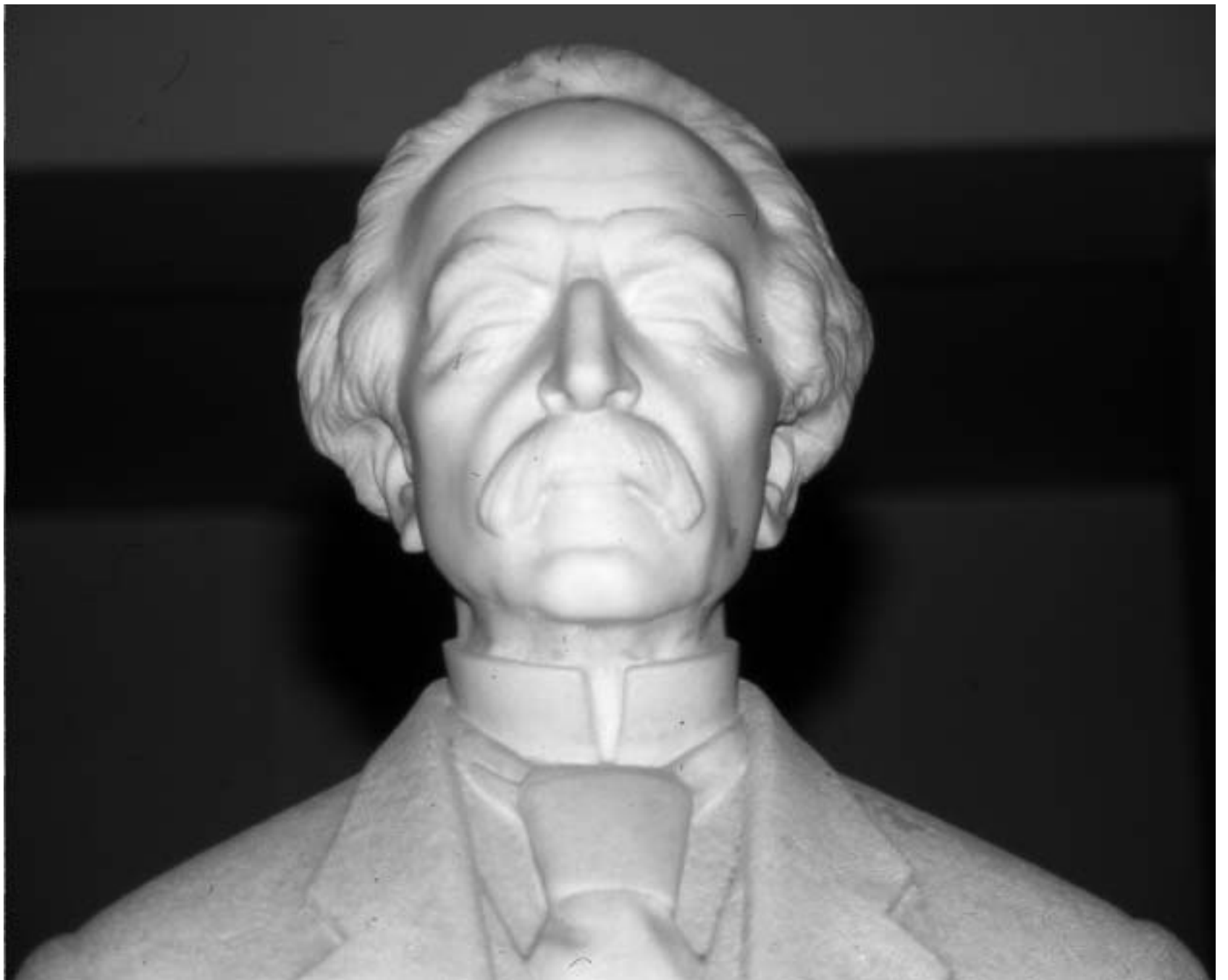
Um dos mais distintos participantes nacionais em Atenas é aluno de informática neste Instituto. **Última página**

Sumário

Técnica	2
Técnico	3
Nacional	5
Local	6
Cultura	7
Agenda	8

Matos Ferreira reeleito

Presidente do Técnico foi reconduzido após um primeiro boicote dos representantes dos alunos. O professor ocupará por mais dois anos a cadeira do fundador, Alfredo Bensaúde **Página 4**



A ética nos media está fora de moda?

Entrevista ao presidente do conselho deontológico do Sindicato dos Jornalistas, Óscar Mascarenhas sobre ética profissional e as broncas sonantes da nossa comunicação social. **Página 5**



Editorial

Desfolhando as páginas dedicadas ao Técnico, depara-se o leitor atento com uma série de eventos que ultrapassaram em contra-mão grande parte dos alunos, professores e funcionários desta Escola. De mudanças complexas na direcção da associação de estudantes e subsídios imaginários, à novela real das eleições para a presidência do Instituto, muito se passou e pouco se divulgou. A informação difunde-se de maneira cada vez mais pastosa e infeliz. E, inevitavelmente, a sua falta realimenta o distanciamento do Técnico às tomadas de decisão.

O panorama geral contrasta com a existência de um saber-como em jornalismo sem precedentes nesta escola de tecnologia, face a um grande investimento na formação por parte do Diferencial e ao empenho da Rádio Interna em informar os ouvintes. As condições são as ideais para relançar um projecto de jornalismo: há pessoas formadas, vontade e um vazio a preencher.

Esta edição é o resultado visível de um ateliê de jornalismo organizado pelo Diferencial e a RIIST na feira das secções autónomas com o apoio da AEIST e do GAEL. Todos os interessados puderam receber treino baseado nos cursos do CENJOR — Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas — que os formadores tiveram a oportunidade de frequentar.

O que nos leva à anterior edição do Diferencial, produzida precisamente no CENJOR há quinze meses. O que aconteceu a esse projecto que prometia voltar daí a quinze dias? Falta de apoio? De colaboradores? Irresponsabilidade? Sim.

Irresponsabilidade de uma direcção do Diferencial que se absteve de tomar qualquer iniciativa, não deixando alternativa aos editores formados à pressão no ateliê senão levar o projecto adiante, apenas com a ajuda dos solícitos formadores. Falta de colaboradores que todos julgavam ver sair aos magotes debaixo das pedras da calçada da alameda, depois do toque de trombeta que foi esse jornal. Falta de apoio dos responsáveis que o haviam prometido, contribuindo para o desagregar da estrutura existente.

Mas o que então se professava mantém-se válido: um espaço em-linha que conduza a uma produção jornalística célere e constante: uma publicação semestral e de referência e um jornal quinzenal actual e atento. Agora, a esta estrutura esperamos poder juntar mais um *medium*: a rádio.

A concretização da ideia passa pela criação de uma associação independente que não seja vulnerável a flutuações e abandonos, congregando todos os agentes de informação da Escola: Diferencial, Rádio Interna, Conselho Directivo e dAEIST e demais interessados — seja bem vindo quem vier por bem.

Assim, vamos apresentar à Escola um plano integrado de informação no próximo ENIEES — Encontro Nacional de Imprensa Estudantil do Ensino Superior, que será organizado pelo Diferencial, RIIST e Os Fazedores de Letras, revista da Faculdade de Letras.

Por último, o jornal não pode deixar de manifestar pesar pelas mortes de Cristina Marcelino, secretária do CD, e do prof. Lourenço Fernandes, presidente do DEI. Às famílias as nossas sinceras condolências.

Editores: Luís Figueira (Técnico), Nicolau Gonçalves (Nacional/Local), Joana Bustorff (Cultura)

Redacção: Joana Batista, Joana Bustorff, João Carneiro, Luís Figueira, Nicolau Gonçalves, Rodrigo Piedade, Inês Silva

Fotografia: Joana Batista, Joana Bustorff, José Gregório

Cartoon: João Gaspar

Apoio Técnico: Nuno Pires, Jorge Páramos

Impressão: Gráfica Expansão **Tiragem:** 3000 pasquins

Correio-E: jornal@diferencial.ist.utl.pt

O jornal Diferencial é uma publicação da AEIST
Distribuição gratuita

Spaceship One

O prémio que caiu do céu

Oitenta anos depois de Charles Lindbergh, a primeira nave privada atinge o espaço

■ Jorge Carneiro

No passado seis de Novembro, representantes da American Mojave Aerospace Ventures receberam o Ansari X-Prize, em Saint Louis. Este distingue a SpaceShipOne, a primeira nave espacial tripulada privada a realizar dois voos suborbitais em menos de duas semanas, a vinte e nove de Setembro e quatro de Outubro. O multimilionário Paul Allen garantiu o financiamento, Burt Rutan projectou. O pioneiro já havia criado a Voyager, o primeiro avião a dar uma volta ao mundo sem reabastecer, em 1986.

A SpaceShipOne eleva-se até quinze quilómetros de altitude sob o White Knight, um avião de formas esguias. Após a separação, este regressa à base e a nave liga o motor de foguete. Dispara então até cem quilómetros de altitude, alcançando a fronteira do espaço exterior; a sua velocidade permite apenas um voo suborbital. Na reentrada da atmosfera assume uma exótica configuração aerodinâmica, a penada (*feathering*). Depois retoma a forma usual e plana até à pista.

A X-Prize Foundation segue o exemplo da Taça Schneider e do Orteig Prize. Este foi ganho por Charles Lindbergh, ao atravessar o Atlântico a bordo do avião Spirit of Saint Louis, em 1927. As competições do início do século passado permitiram que pequenos grupos testassem conceitos inovadores, forçando o desen-



A NaveEspacialUm a um palmo de ganhar o Prémio-X

volvimento tecnológico da aviação. E sucederam em transformar brinquedos caros e perigosos em veículos seguros e com potencial comercial.

Até agora, a aplicação do modelo ao voo espacial tem sido lenta: a iniciativa privada é asfixiada pelos enormes recursos de agências públicas como a americana NASA e a europeia ESA. Estas perderam o ímpeto inovador e arriscam pouco no desenvolvimento de novas tecnologias; o vaivém, a mais recente nave da NASA, foi concebido nos anos setenta. Criado para aceder ao espaço com segurança e economia, custa exorbitâncias e tem a fiabilidade espalhada por metade do Texas e Louisiana.

A X-Prize Foundation surge

como catalisadora de pequenas empresas privadas dispostas a arriscar para obter lucro no mercado de lançamento de cargas e tripulações. O truque parece ter funcionado, com várias equipas a apresentar propostas inovadoras nesta primeira edição do prémio. Todas dramaticamente mais baratas que os programas espaciais dos actuais donos do espaço. E mais bonitas.

Ameaçam assim o *statu quo* das agências estatais e o financiamento encoberto dos colossos da indústria aeroespacial: a europeia Arianespace e as americanas Lockheed-Martin e Boeing, entre outras. E apontam para um negócio latente desde o primeiro enjoo de Gagarin: o turismo espacial.

Virgens no espaço

A equipa vencedora do prémio recebeu um cheque de dez milhões de dólares. Estima-se que gastou vinte. O lucro advirá do licenciamento da tecnologia à Virgin, grupo do singular Richard Branson. O *Sir* fundou a Virgin Galactic, que será equipada com uma frota de versões melhoradas da SpaceShipOne. Estas poderão levar cinco turistas ao espaço, a preços acessíveis e com descontos para grupos, idosos e portadores de cartão jovem.

Após a cerimónia de atribuição, a X-Prize Foundation anunciou edições anuais em formato semelhante. No futuro, um prémio para a primeira nave orbital tripulada privada. *Gentlemen, start your engines!*

Cartas dos Leitores

Manif

Se é verdade que a vossa edição data de 30 de Outubro de 2003, e, portanto, antes da manifestação nacional de 5 de Novembro, não é de todo compreensível que se apelide de derrota uma greve de estudantes que no IST teve uma adesão de 75% e que na minha Faculdade, por exemplo, teve uma adesão superior a 95%. [...] Se é compreensível que se tenham centrado mais nas actividades da vossa Escola, já não é compreensível que apeliem de derrota uma iniciativa que todos os jornais nacionais anunciaram como sendo um sucesso. Não consigo compreender onde está a derrota. Foi por o Presidente ter dito que é uma luta cíclica? Foi por a federação representativa das Associações do Ensino Superior Privado estar a favor do aumento das propinas? Ou um dirigente da Católica ter ficado indignado pelo abandono da reunião com a ministra de algumas Associações de Estudantes? A derrota é “uma

das mais concorridas Reuniões Gerais de Alunos desde os anos 80” no IST? A derrota é as Associações Académicas terem táticas diferentes? Então não é normal que privado e público tenham perspectivas diferentes quando o que esta em causa é precisamente a privatização de Ensino Superior Público?

Onde está exactamente a derrota? Todo o vosso texto contraria o sensacionalismo do título. E o sensacionalismo é algo que o Diferencial recusa, como expressamente afirmam na enumeração dos vossos axiomas. A única derrota que posso admitir é a falha na transmissão da mensagem para a opinião pública de que o que está em questão não é [sic] apenas as propinas [...]. Uma última nota apenas para o facto de o texto em causa não vir assinado, coisa que corresponde a uma responsabilização de toda a direcção pelo artigo. O que torna o sensacionalismo do título e todas as críticas que aqui faço mais graves porque correspondem a toda uma linha

editorial...

Luís Portugal Viana de Sá
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

Por lapso, o artigo foi escrito pelo José Miguel Delgado. Pedimos desculpa pelo facto.

Vem ao dono, rebola, salta!

Olá colegas: desde já os parabéns por esta edição. É bom ver que a formação no Cenjor tem tido frutos. Na minha opinião este é o formato que melhor se encaixa no tipo de publicação que é o Diferencial. Queria apenas fazer um reparo: em parte alguma, nem na capa nem na ficha técnica, referem qual é a propriedade do Diferencial. Ora, como actualmente são Secção Autónoma da AEIST, quer dizer que deveriam ter acrescentado uma linha a dizer, "Propriedade: Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico". Como estou certa de ter sido

um infeliz mas não propositalmente lapso, espero pelas próximas edições do Diferencial, desta feita já com a propriedade identificada.

O seu a seu dono.

Margarida Constantino

Aqui fica a rectificação: esta edição é propriedade da AEIST. A última edição e a penúltima também. A antepenúltima nem se fala. Provado por indução!

Rabecada

[na 28ª edição, artigo sobre o Sr. Carvalhosa:] “Esqueçam fitas, tunos e outros embustes: tradição, no Técnico, é fogue-tada!”. É por estas frases que a Direcção da Associação não consegue cativar mais alunos! Em vez de unir, separa!...

O aluno e TUNO
Vasco “Becas” Móra, nº 43493

Parecendo difícil, não é nada fácil: o Diferencial pertence à AEIST mas é independente da sua direcção.

Associação de estudantes

Mudanças de direcção

Temos equipe até ao fim do campeonato?

■ Luís Figueira

Em Outubro passado deu-se uma mudança na presidência da direcção da associação dos estudantes do Instituto. Dmitri Fessenko apresentou a sua demissão após cumprir apenas cinco meses de mandato. A sua decisão seguiu-se à moção de censura de que foi alvo. O Diferencial tentou consultar o documento, mas a sua consulta foi negada por ser “exclusiva da Direcção”.

Segundo Miguel Esteves, actual presidente da dAEIST, “o Dmitri começou a gerar alguns atritos, mas não a ponto de o mandar embora”. De acordo com o novo responsável, a moção de censura apresentada em reunião de direcção alegou falhas de organização, coordenação e representação por parte do agora ex-presidente Fessenko. Na opinião de Dmitri, as razões seriam outras: “no início do mandato tive problemas pessoais e familiares, e todos [na direcção] me deram o seu apoio e compreensão. Quando os resolvi e me comencei a

dedicar mais, já era tarde para mudar a opinião das pessoas que não confiavam em mim”. Seguiu-se a decisão pessoal de abandonar a dAEIST, por considerar que não existiam condições para continuar a trabalhar num grupo sem confiança de parte a parte.

Dmitri Fessenko assumiu a liderança da lista V depois da comissão eleitoral ter impugnado a candidatura de José Guiomar por motivos processuais. Este colega e Dmitri Fessenko foram os principais mentores da lista que entretanto ganhou as eleições, funcionando como elos de ligação entre várias pessoas que mal se conheciam. Após a saída de Guiomar em plena campanha eleitoral, Dmitri foi o candidato consensual a timoneiro, reconhecido pelos restantes elementos da lista pela experiência de política interna e dedicação à campanha.

As relações entre o presidente eleito e os restantes membros da dAEIST foram-se degradando ao longo da sua regência. Tudo culminou

numa reunião onde, segundo Dmitri, “havia quorum, mas não estavam presentes todos os elementos da direcção”. Adianta que a reunião foi convocada sem referir a moção na sua ordem de trabalhos, “mas as pessoas que foram já sabiam o que se ia tratar”. Miguel Esteves afirma que nesta reunião foi pedido a Dmitri para continuar na dAEIST, mas noutro pelouro. E foi com surpresa que recebeu a notícia do seu pedido de demissão: “o Dmitri interpretou a moção como um documento para o mandar embora. Eu não me apercebi disso”.

Apesar dos apelos em sentido contrário, Dmitri demitiu-se: “a moção de censura mostrou que julgaram que não estava a fazer um bom trabalho, portanto não considereei correcto permanecer no cargo, Fui muito claro – se a moção passar, demito-me”. E foi isso que aconteceu. “Considero que fui um bom presidente e saio de consciência tranquila”.

Dmitri afirma que várias pessoas abandonaram a



Miguel Esteves é o novo presidente da direcção da AEIST

dAEIST na sequência destes acontecimentos. “Foi uma grande confusão. Muitos abandonaram a direcção porque lhes desagradou a maneira como o processo foi conduzido. Saíram, inclusive, pessoas que votaram a favor da moção.” Miguel Esteves nega

o êxodo, mas o alinhamento da equipa directiva na página da AEIST revela mudanças. Já lá não constam os nomes dos eleitos: Ana Vermelho, Márcia Pereira, Vanessa Nicolau, Inês Gonçalves, João Sousa, Carlos Guerreiro, João Conde, Ricardo João, entre outros.

Joana Batista / Diferencial

Secções Atómicas

Átomos no vácuo

A reedição da feira das secções ficou quase vazia. A culpa foi da divulgação ou do desinteresse dos alunos?

■ Joana Bustorff

Poucos foram os que suberam da *Feira das Secções* autónomas da associação de estudantes, decorrida de 26 a 28 de Outubro no pavilhão central. “A AEIST divulga muito pouco as suas secções”, adianta Miguel Machado, aluno do 3º ano de Eng. Física Tecnológica. E defende que o Técnico tem de mostrar mais o que tem para oferecer: “por acaso dei pela feira, mas ‘por acaso’ não pode ser!”

Segundo João Meirelo, veterano de Eng. Biológica, a pouca afluência também se deve ao local escolhido: “o pavilhão central não é dos mais frequentados, embora tenha sido muito bem aproveitado”. E salienta o “grande dinamismo do núcleo de cinema”.

A projecção de alguns *trailers* pelo CineParaIST foi muito apreciada. O pequeno auditório — 4 filas de cadeiras e um ecrã — serviu de suporte a uma concorrida votação sobre os filmes favoritos dos visitantes. Fica a promessa de muitos mais: “vamos passar muitas coisas bonitas para as pessoas”, diz Ricardo Duarte, coordenador do grupo, em tom jocoso.

O grupo de teatro, que não esteve presente no recinto,



Rodrigo Cruz (dAEIST), visitante anónima, Ricardo Duarte (CineparaIST) na feira das secções

organizou ao invés uma série de performances por toda a Escola, intitulada “Coisas Que Acontecem”. E aconteceram, a chuva deixou.

Outras secções marcaram presença: a secção de ecologia organizou oficinas diárias abertas ao público: “casas ecológicas”, “vegetarianismo” e “3 Erres”: reciclar, reutilizar e reduzir. O núcleo de arte fotográfica apresentou uma exposição. Estiveram também presentes o BEST, o núcleo de actividades sub-aquáticas, o núcleo de xadrez, e o novíssimo MIST (M de motas), com

baptismos em duas rodas.

O GEST — grupo de estratégia e simulação táctica — foi das secções que mais movimento trouxe à feira. Segundo Rui Azevedo, elemento da direcção do GEST, a maior parte das pessoas que os visitou já tinha conhecimento daquela secção. Assim, a feira serviu para fazer torneios com mais jogadores do que o habitual e não tanto para divulgar a sua existência. Realizaram-se torneios de *Magic*, *Legend of the Five Rings* e demonstrações de *Vampire Role-Play*. Na opinião de Azevedo, estes

eventos ajudam a desmistificar a imagem de inaptidão social criada à volta dos membros do GEST: “em certas alturas parece-me melhor dizer que ando nos escuteiros”. Assim, quem vai à feira “apercebe-se de que os jogadores são capazes de ser os amigos com quem têm aulas”.

Afinal quem faz *role-play* “não se veste sempre de preto, uiva nas noites de lua cheia ou usa dentes de plástico”. Considera que a baixa afluência à feira não se deve a pouca divulgação. O que tem de ser alterado é a atitude dos alu-

nos: “tudo o que não seja aulas ou bebedeiras passa-lhes ao lado”.

Mais secções mostraram as suas potencialidades. A rádio interna da Escola planeou uma emissão em directo do local. No entanto, esta foi gorada pelo excesso de ruído ambiente, que perturbou o sonoro e estragou a experiência.

A mesma RIIST e o Diferencial organizaram um ateliê prático de jornalismo, de onde resultou esta edição. Proporcionaram também animadas conversas sobre os média, com a presença de Óscar Mascarenhas, presidente do conselho deontológico do sindicato dos jornalistas, Manuel Laje, radialista da RDP, Jorge Martins e Ricardo Duarte, antigos directores do Diferencial e de Os Fazedores de Letras — revista da AE da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Falou-se de ética, rádio e de jornalismo académico.

Conclusão? “Quem por aqui passa fica a conhecer algumas secções que normalmente estão escondidas”, afirmou um colega enquanto se debruçava sobre uma sofisticada versão do jogo de damas. Sucesso relativo de uma iniciativa de divulgação mais adequada.

Rapidinhas

AEIST aguenta-se

Como foi discutida na RGA de 16 de Dezembro, a notificação à AEIST para proceder ao pagamento de uma verba de cerca de 70000EUR correspondentes à devolução do subsídio ordinário de 2001. A razão é a falta dos relatórios de actividades e contas da direcção de 2001/02. Assim, o IPJ poderia “condenar à extinção a maior associação de estudantes do país”. Que gatunagem! Felizmente a situação já está resolvida e a AEIST aguenta-se mais uns tempos.

Igor, o cão

A nossa associação, de tão altruísta que é, tem ajudado um Husky de 6 meses (e tal) a superar as amarguras da vida. A contribuição dos estudantes foi recolhida numa caixinha que se encontrava na secção de folhas. Aproveitando agora a maré dos relatórios de contas: onde está o relatório da utilização da caixinha? Não deveria ser criada uma comissão fiscalizadora? Talvez seja à custa destes fundos que a associação vai sobreviver aos mauzões do IPJ.

Contrabandist

Mais uma edição do Contrabandist está na calha, com organização conjunta da RIIST e da dAEIST.

Até 4 de Março de 2005 podes entregar as tuas músicas. É este o primeiro passo para chegares ao estrelato: o tão cobinado palco do Super Arraial!

ENIEES

No Porto, e em Novembro passado, realizou-se mais um Encontro Nacional de Imprensa Estudantil do Ensino Superior. Entre uns finos e francesinhas decidiu-se criar uma associação para dar novo alento ao jornalista estudante e imprensa estudantil. A RIIST, o Diferencial e os Fazedores de Letras vão realizar em Lisboa o VII ENIEES em Março próximo.

Alfredo maquinal

Na próxima temporada de exames os alunos noctívagos do pavilhão de civil já não terão de recorrer às padarias das redondezas quando a fome apertar. Vão ser colocadas máquinas distribuidoras de comes e bebes, abastecidas pelo ubíquo Alfredo de Jesus.

Jazz com a RIIST

Quem passou pelos lados do anfiteatro do bar de Civil no dia 23 de Novembro deparou-se com mais um capítulo da história do jazz no IST. Uma jam session organizada pela RIIST deslumbrou dezenas de espectadores durante as mais de 2 horas de música ao vivo. E venham mais cinco!

Eleições no Técnico

Candidato único com eleição difícil

Num inédito processo a dois tempos, o prof. Carlos Matos Ferreira foi reconduzido como presidente do IST por mais dois anos

■ Luís Figueira
Nicolau Gonçalves

O professor Matos Ferreira foi reencaminhado no cargo de presidente do Instituto, na assembleia de representantes (AR) do passado dia 19 de Janeiro. Na primeira votação, a maioria de votos em branco dos alunos inviabilizou a sua eleição e levou o processo eleitoral de novo à estaca zero. Isto apesar de se apresentar como único candidato, numa situação, no mínimo, estranha.

Segundo Filipe Madeira, um dos representantes dos alunos, tal atitude deveu-se à falta de posições claras sobre alguns dos aspectos do programa eleitoral. Os alunos da AR discordam, essencialmente, de três pontos: a lei do financiamento, “já que foi fixada a propina máxima apesar da AR se mostrar claramente contra”; a abordagem da Escola ao processo de Bolonha e à Lei de autonomia, pois não têm sido feitos “compromissos claros no sentido de combater a perda de representatividade dos alunos” nos órgãos de gestão.

Esta discordância e falta de clarificação persistiu mesmo após um encontro, realizado antes da primeira ronda eleitoral, entre os representantes dos alunos e o prof. Matos Ferreira. Nesse encontro que, segundo o professor, decorreu num clima de diálogo, os alunos anunciaram a entrega de um documento com as questões que queriam esclarecer e discutir. Tal documento não chegou ao destino antes das primeiras eleições, nem existiu qualquer outro diálogo.

O primeiro round...

No primeiro plenário da recém-eleita AR, decorrido em 30 de Novembro, foi eleita a mesa responsável por conduzir os trabalhos para o novo biénio. O presidente é o prof. José Delgado Domingos, tendo como vice-presidentes o prof. Cunha e Serra e o aluno

Rodrigo Cruz. O secretário é o sr. António Augusto Alves.

Mas a reunião ficou marcada pela posição tomada pelos alunos e consequente troca de acusações, com ânimos exaltados de parte a parte. Nas duas voltas, uma realizada de manhã e outra depois de almoço, os resultados foram similares: o professor Matos Ferreira obteve todos os votos favoráveis dos docentes (excepto um voto em branco) e dos funcionários não-docentes. Mas mais de dois terços dos alunos votaram em branco, rejeitando desta forma a candidatura, que necessita de pelo menos um terço de votos favoráveis de cada corpo.

Na sequência, foi retomado o diálogo, esclarecendo-se finalmente os motivos dos alunos. Segundo Hugo Patrício, “fomos mal interpretados” na primeira eleição, justificando que o chumbo pretendia promover o diálogo, e não constituía uma “crítica pessoal ao professor Matos Ferreira”. Vários alunos elogiaram a abertura do professor em todo este processo, diga-se.

O knock-out...

No último plenário, de 19 de Janeiro, os ânimos já estavam mais serenos. O professor Matos Ferreira referiu que “foi com satisfação” que recebeu do corpo dos alunos um documento onde eram expressas preocupações que “podiam ser satisfeitas sem violar os princípios da sua candidatura e os objectivos gerais da escola”.

Notou-se que, com a dissolução da Assembleia da República, a Lei da Autonomia deixou de ser uma carga; como tal, esta foi retirada do seu programa de candidatura. Por último, considerou que após a tempestade há agora uma plataforma de entendimento mais alargada na AR. Na mesma linha, o professor Delgado Domingos, presidente da mesa, referiu-se ao proces-

so como “extremamente positivo, na linha da melhor tradição desta casa”, já que a “convivência só pode trazer vitalidade ao Instituto”, a bem da “participação, transparência e responsabilização dos diversos órgãos”. Segundo Filipe Madeira, na segunda eleição, os outros corpos da AR compreenderam que “os alunos apenas queriam lutar pela qualidade da escola”. Finda a luta, o professor foi eleito com a maioria necessária de votos dos alunos.

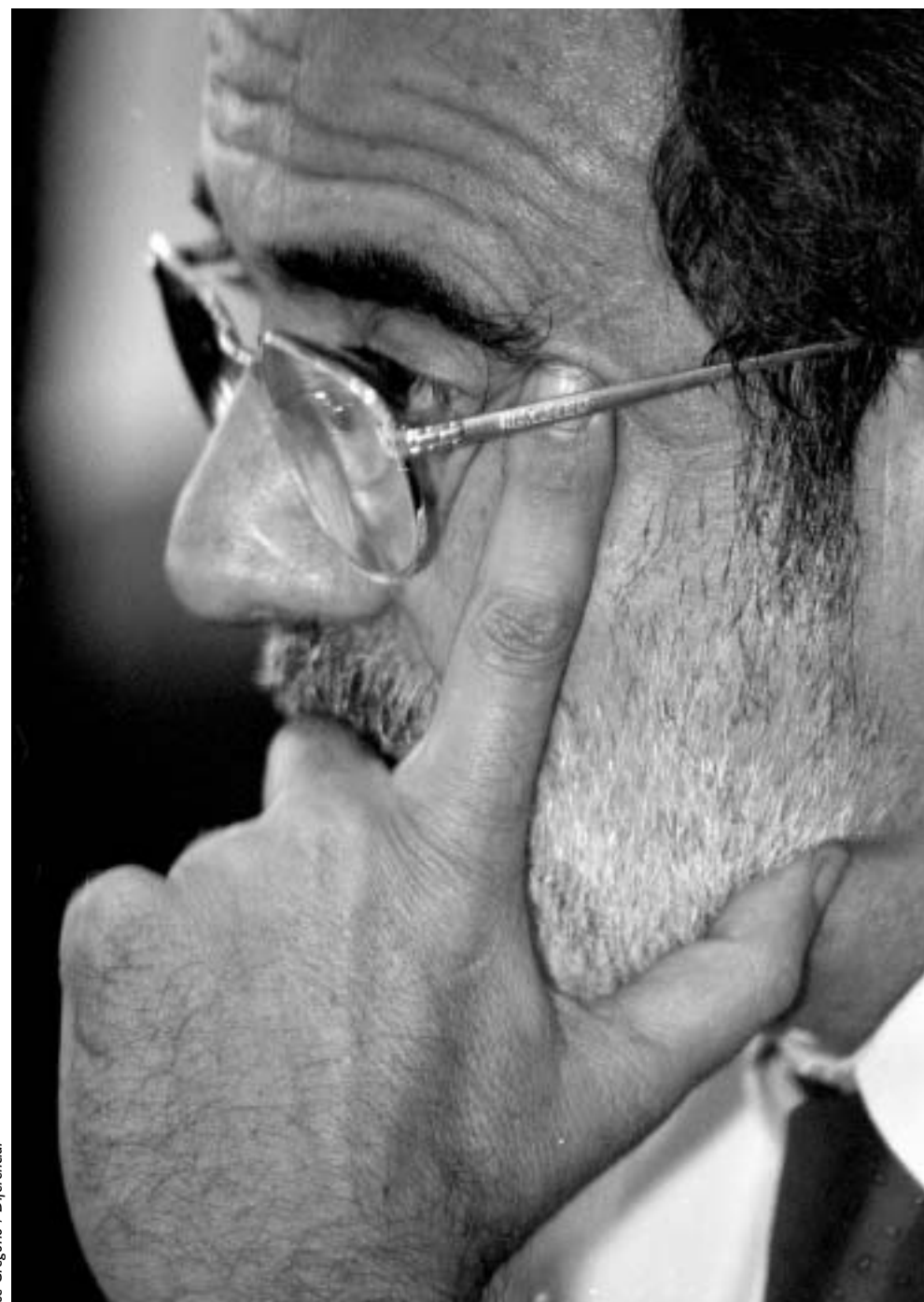
Pax Ferreira

A maioria dos representantes na assembleia concorda que o balanço dos mandatos anteriores do professor é positivo, uma vez que as dívidas do IST a várias instituições têm sido sanadas e os corpos têm-se vindo a unir em torno de “grandes objectivos estratégicos – o desenvolvimento e a afirmação do IST como uma escola de referência a nível nacional e internacional”, segundo o próprio professor.

Sanado o conflito e restabelecida a harmonia triconjugal, a nova equipa do Conselho Directivo ficou entretanto completa. Encabeçada pelo prof. Carlos Matos Ferreira, conta como vogais com os docentes prof. Santos Pereira, Peixeiro, prof. Eduardo Pereira, prof. António Cruz Serra e o prof. Custódio Peixeiro. Da parte dos funcionários não-docentes os vogais são o dr. António Pinto e sr. Rui Santos. Os vogais dos alunos são Bruno Barracosa, Hugo Patrício e Filipe Cunha, eleitos no último plenário da AR. Por inerência, faz igualmente parte do conselho directivo o presidente da dAEIST, Miguel Esteves.

E tu... estás representado?

As eleições de onde saíram os representantes na AR decorreram a 18 e 19 de Novembro de 2004. Com vários papéis mul-



Professor Carlos Matos Ferreira, presidente do Instituto Superior Técnico

ticulares e de formatos diferentes (estavam a votos igualmente o conselho pedagógico do IST, a assembleia e o senado da UTL). No entanto, a cor mais apreciada pelos estudantes foi o branco—em cerca de 1400 votantes, quem ganhou em três das eleições foi o voto branco. É mais uma vez patente o crescente afastamento dos estudantes da política interna.

Sobre o problema, o prof. Matos Ferreira diz que “gostaria que os alunos participassem nestes actos de cidadania e percebessem a importância de eleger, de verem as suas ideias bem representadas na assembleia de representantes, e até no conselho pedagógico”.

Esperava-se maior interesse no acto eleitoral numa altura em que, além da eleição para a

presidência do Técnico, estavam na ordem do dia temáticas como a Lei da Autonomia e a declaração de Bolonha

Os cerca de 80% de eleitores alunos que não votaram e os mais de 20% que manifestaram o seu descontentamento de forma activa são mais uma vez actores, disputando o papel de protagonistas com a eleição a dois tempos.



LIVRARIA ESCOLAR EDITORA

A MAIOR LIVRARIA TÉCNICA E CIENTÍFICA DO PAÍS

RUA ALVES REDOL 13-A, 1000-030 LISBOA
TEL. 21 782 02 54 FAX. 21 782 02 08

Óscar Mascarenhas em entrevista

O Óscar da ética vai para...

O presidente do conselho deontológico do Sindicato dos Jornalistas fala sobre o estado actual dos media

■ Joana Batista

A relação entre poder e comunicação social está na ordem do dia. O afastamento do comentador Marcelo Rebelo de Sousa da TVI, o veto do Presidente da República à central de comunicação do executivo, contribuíram para a crise política que culminou na dissolução da Assembleia da República e demissão do Governo. Para comentar estes e outros assuntos, conversámos com Óscar Mascarenhas, jornalista – trabalhou no Diário de Notícias, n'A Capital, actualmente na agência Lusa – e presidente do conselho deontológico do Sindicato de Jornalistas.

Diferencial: A ética jornalística está fora de moda?

Óscar Mascarenhas: Não, pelo contrário. Discute-se muito mais ética agora do que quando comecei a profissão.

Então onde está a diferença de então para agora?

Lutava-se por ideais. A ética jornalística era um instrumento para os concretizar. Neste sentido, foi aprovado em 1976 um código deontológico onde uma das obrigações dos jornalistas era lutar por uma sociedade sem classes.

Um código deontológico com influências políticas?

Sim. Era uma época completamente diferente. Os padrões pediam os Minis aos filhos para se deslocarem às empresas, porque tinham vergonha de mostrar os carros luxuosos.

E os direitos individuais?

Não existia tanto essa preocupação. Era impensável entrar em "quintas das celebridades". Mas existia um código de nojo contra intervenções na vida pessoal de seja de quem for.

Qual é o código que actualmente prevalece?

É o de 1993. Não é dotado de carácter político, mas tem antes fortes influências do pensamento único. Notam-se sinais de uma permissão de invasão da esfera privada das pessoas, em função das suas declarações públicas ou promessas. Por exemplo, o 6º artigo deste código diz que os jornalistas não podem intervir na vida privada excepto se houver interesse público ou contradição em relação àquilo que a pessoa publicamente defende ou afirma. Isto permite várias interpretações.

O que melhora?

Gostava que se discutisse um código de ética em que se falasse de responsabilidade perante a sociedade. Defender a não intrusão na vida privada

dos pacatos cidadãos é insuficiente. É preciso uma ética activa e militante.

Até que ponto se confundem jornalismo e política?

Os jornalistas demitiram-se da primeira e mais importante condição: a contestação. É necessário mostrar o ser e o não ser; o sim e o não, para que o público tome posições ponderadas. Ou seja, mostrar os lados opostos das questões, e até o terceiro lado. Isto é, chamar a atenção para determinados problemas que não fazem sequer sentido.

Por exemplo...

Por exemplo o caso Watergate, quando Nixon infiltrou a campanha eleitoral do adversário: o que um jornalista expedido deveria perguntar era "o que leva um candidato a espionar o que outro vai prometer?".

Mas não foi isso que se assistiu na campanha para as presidenciais nos Estados Unidos?

Sim, entre Bush e Kerry não houve fracturas ideológicas, excepto no respeitante às células estaminais e ao aborto. Em tudo o resto, aquilo que um disse podia ser dito pelo outro. Que raio de sistema político é este, com dois candidatos perfeitamente intermutáveis?

E o terceiro lado da coisa?

Quando é que aparece alguém que diz que isto "vai nu", que estes dois senhores são iguais? Isto é o terceiro lado. Reparem no jornalismo português: o problema é semelhante. Os jornais não têm nenhuma autenticidade nem liderança. O ideal seria que estes seguissem uma linha ideológica em que houvesse entendimento.

Há um vazio ideológico?

Sim, de todo. Em Portugal quem traça a linha ideológica não é o director, mas sim os jornalistas. São estes que têm a liberdade de expressão.

Nos EUA, por exemplo, isto não acontece?

Nos EUA, o supremo tribunal decretou que quem tem a liberdade de expressão e de informação é o director, não os jornalistas. Logo, quem quiser escrever em determinado jornal tem de escrever segundo as regras do director.

O caso Marcelo tocou na comunicação social e Governo. Como vê o sarilho?

Existem duas partes perversas. A primeira é a pressão feita numa intervenção absurda de Morais Sarmiento. Este tem o direito de dizer que não gosta de Marcelo, exerce o direito ao contraditório. Não pode é pedir a intervenção da Alta



Óscar Mascarenhas em sua casa

Autoridade para a Comunicação Social. Como ministro, é um dos garantes do cumprimento da lei: sabe como esta funciona e que a Alta Autoridade não tem competência no assunto.

A segunda parte...

O ministro Sarmiento sabia que não estava só a fazer uma declaração política. O poder político, na área da comunicação social é poder económico. O governo pode agir de modo a impedir um negócio, por exemplo, com a TVI.

Foi o que aconteceu?

Houve um jogo de dupla chantage. Depois desta história toda, a ameaça velada do ministro coincidiu com a entrada da RTL para o capital da TVI. A acrescentar a isto, na conversa com Marcelo, o presidente da TVI esqueceu-se de dizer a única coisa que lhe cabia como patrão de imprensa: enquanto trabalhasse na TVI, teria toda a liberdade de expressão e ser-lhe-ia garantida protecção. Isto não aconteceu e Marcelo arranjou maneira de se vitimizar.

Foi estratégia?

Não há ninguém inocente.

Mas aos olhos do público, Marcelo foi inocente...

Marcelo só falou quando se sentiu atraído. No entanto ele próprio também traiu: sai

no Expresso a notícia "o presidente da TVI pede a Marcelo para moderar a seus comentários no jornal de domingo". Não é citada a fonte e só há duas hipóteses: ou o Expresso inventou ou um dos dois intervenientes revelou o teor da conversa. Se Marcelo voltou a dizê-lo nas declarações perante a Alta Autoridade, o Expresso não inventou...

No caso Ferreira Alves, esteve em causa o sigilo?

Há verdades que não devem ser divulgadas, pois criam dificuldades de gestão. Neste caso, na notícia do Expresso uma pessoa do governo com acesso a informação privilegiada afirma que Clara Ferreira Alves será directora do Diário de Notícias. Isto não é inocente, uma vez que não o disse enquanto fonte governamental, mas implicou uma relação com o governo.

Daí Clara Ferreira Alves dizer que não houve isenção?

Sim, a partir daquele momento inquinou-se a coisa. Não me parece que haja uma relação de causa-efeito. É um jogo maquiavélico no qual a fonte se torna pró-governamental, independentemente do que diga.

O que levou o Governo a avançar com a ideia da

central de informação?

Este órgão não parte das desconfianças sobre os media mas entre os políticos.

Mas serviria para o governo manipular informação?

As centrais de comunicação dos outros governos — que servem obviamente para manipular jornais — são também centrais de relações públicas.

No caso português o objectivo principal era o de informar o primeiro-ministro de quem eram os jornalistas com que os ministros falavam habitualmente. Os políticos não desconfiam da forma como os jornais tratam a informação, mas de quem promove as fugas. Não pretendiam manipular os órgãos, mas silenciar papagaios que falam demais.

Falando de sensacionalismo: no assassinato da menina no Algarve, o jornalista não deve filtrar a informação chocante?

Devia. Mas o problema não foi de sensacionalismo, mas a flagrante violação do segredo de justiça, o escancarar da investigação. Primeiro identificava-se a fonte, para a colocar perante as suas responsabilidades...

Este caso não terá consequências para a classe?

Os jornalistas vão responder em tribunal por violação do segredo de justiça. E bem, no meu entender, uma vez que

para nós, sindicato, têm de o respeitar e não estão isentos. O que acontece é que os tribunais só os chamam para que nomeiem a fonte, e esta não é revelada devido ao compromisso ético que o proíbe.

O que é que está a ser feito no sentido de evitar estas situações?

O sindicato já deu instruções aos profissionais para que avisem as fontes que podem vir a ser acusadas de violação do segredo de justiça, declarando-se arguidas e tendo assim direito ao silêncio. Mesmo assim o jornalista pode ser punido, se prejudicou a investigação ou atingiu a reputação dos visados. No caso presente a mãe e o tio da menina só estão bem na cadeia.

De outra forma seria feita justiça popular...

Este caso está a passar ao lado da indignação das pessoas, mas é um dos mais vergonhosos da imprensa portuguesa.

Mas a atitude de quem lê é receptiva... o que falta, o que é que está mal?

O que é necessário é que os jornalistas voltem a ser os profissionais da contestação e que denunciem que devem.

Perdeu-se a honra?

Não. Perdeu-se tempo: as pessoas não param para pensar, e deixam-se levar pela histeria.

Manifestação de estudantes

Venham mais vinte!

O protesto foi pela revogação da lei de financiamento, por uma acção social mais justa e contra as alterações à lei da autonomia

■ Inês Silva

Teve lugar no passado 4 de Novembro uma manifestação nacional dos estudantes do ensino superior. Os convivas concentraram-se na Reitoria da Universidade de Lisboa, na Cidade Universitária. Daí seguiram até à Assembleia da República, em São Bento. A adesão foi significativa, com cerca de três mil, quinhentos e sete revoltosos. No entanto, esteve longe dos níveis de participação do ano passado.

A marcha decorreu sem incidentes, rodeada de grande aparato policial. De acordo com fontes oficiais, cerca de cem agentes acompanharam o cortejo, além de quase uma dúzia de polícias à paisana.

Vieram de todo o país, com destaque para Braga, Coimbra, Porto e Évora. Os estudantes contestaram o aumento das propinas e exigiram a revogação da lei de financiamento, gritando “nem propina mínima, nem propina máxima, revogação é a solução”.

Segundo Miguel Duarte, dirigente da Associação Académica de Coimbra, esta luta é cada vez mais actual: “estamos a caminhar no senti-



Anónimo / Diferencial

Corpo expedicionário do Instituto Superior Técnico: calma que há mais uma dúzia a caminho!

do contrário ao do desenvolvimento: lá fora, aposta-se na gratuidade; cá, sucessivos governos tomam medidas no sentido da elitização do ensino superior”. Queixa-se ainda de uma crescente equiparação do

sistema público ao privado. O regime de acção social foi outro dos alvos da contestação. Este foi considerado injusto e ineficiente: “acção social não existe em Portugal”, ouviu-se. Foram também criti-

cadadas as alterações à Lei da autonomia universitária, propostas pelo actual governo. Os estudantes discordam do novo texto porque este “põe em causa a sua participação nos órgãos de gestão das escolas”,

declarou um dirigente associativo da Universidade do Porto.

O descontentamento reinante suscitou outras críticas: “está na hora do governo ir embora” e “Portas e Santana, fascistas à paisana”. O tradi-

cional “estudantes unidos jamais serão vencidos” não faltou, acompanhado de cravos vermelhos oferecidos por estudantes de Coimbra.

Ao chegarem à AR os estudantes receberam palavras de solidariedade dos deputados do PS e do PCP.

AEIST não apoiou

Conforme resolução votada por menos de quarenta alunos na última Reunião Geral de Alunos, a AEIST demarcou-se desta acção de contestação. Assim, apenas cerca de duas dezenas de alunos da Escola participaram na manifestação. Entre os quais José Godinho, de Química, que aponta a “falta de mobilização e de informação” como principal causa para a diminuta representação de uma instituição com quase oito mil alunos. Prova que não é o tamanho que conta, mas o que se faz com ele.

Certo é que só fez falta quem lá esteve — e estiveram muitos: “a manifestação é uma forma democrática de contestação e de sermos ouvidos”, declarou uma aluna da Universidade do Minho.

Reportagem

Brônquio verde no Arco do Cego

Jardim vai ocupar o antigo terminal de autocarros

■ Rodrigo Piedade

A Câmara Municipal de Lisboa iniciou no passado dia 13 de Dezembro as obras de transformação em jardim e silo das antigas instalações do terminal rodoviário do Arco do Cego. O jardim está previsto para Abril. Com a transferência dos serviços anteriormente prestados para Sete Rios, estes ficaram mais próximos dos principais eixos viários: as carreiras tornam-se mais rápidas e alivia-se a circulação nas artérias interiores da cidade.

Orçado em cerca de 600 mil euros, o novo espaço verde ocupará aproximadamente 9100 m² onde irão ser plantadas 27 espécies de plantas diferentes. Além do jardim, foi aprovada a criação de um museu do Transporte, conciliado com uma zona de cafetarias, livrarias e um espaço lúdico, aproveitando a ampla área da antiga gare e mantendo as estruturas que lhe davam forma; exclusivamente metálicas, estas são uma relíquia da engenharia nacional. Contemplou-se também a construção de um silo automóvel de três pisos, com 218

lugares. Parcialmente subterrâneo, este será conciliado com os outros espaços.

Esta última proposta ia ao encontro das expectativas da Junta de Freguesia de Nossa Sra. de Fátima e da comissão de moradores do Arco do Cego. Tanto o museu como o silo deverão ficar concluídos no Outono do corrente ano.

O abandono do terminal provocou um decréscimo do consumo nos estabelecimentos da área. Este é notado principalmente na restauração: no restaurante Vitaminas e Sabores e na pastelaria Cidália há queixas de uma redução de metade da clientela.

Surgem outras preocupações: o café Hexágono e a pastelaria Cidália receiam que a existência de um jardim possa provocar um aumento da criminalidade. Este receio é reforçado pelo fecho da esquadra local para obras — ainda não iniciadas — em Junho. O policiamento está agora a cargo da esquadra de Arroios.

A opção pela construção de um silo auto é defendida por vozes na cervejaria 2 Sabores: este trará uma melhor organização da zona e irá diminuir o

estacionamento abusivo — além de acarretar um menor decréscimo de consumidores.

A medida foi propagandeada desde há dois anos, com distribuição de panfletos e avisos afixados nas bilheteiras da estação. Esta informação parece ter alcançado a maior parte dos utentes do serviço; no entanto, a passagem das instalações para Sete Rios apanhou de surpresa algum comércio local. Se tivesse sido melhor divulgada nos estabelecimentos locais, talvez cafés como a Cidália não tivessem investido tanto no alargamento e melhoria dos seus espaços.

Mesmo fechado, ainda há táxis em redor do antigo terminal, na esperança de encontrar clientes pouco informados. Naturalmente, os taxistas também se sentem prejudicados pela mudança do terminal para longe do centro da cidade.

A vontade de criar em Lisboa um novo espaço verde veio pela mão do anterior presidente da câmara, e actual primeiro-ministro demitido/demissionário, Dr. Pedro Santana Lopes. Será que é para concretizar?



José Gregório / Diferencial

As obras já começaram. Espera-se o jardim para namorar ou pelo menos com cobertura Wi-Fi

Cinema

Lisboa.doc

Documentários de todo o mundo na Culturgest.

■ Nicolau Gonçalves

O docLisboa 2004, segundo festival internacional de cinema documental de Lisboa, realizou-se de 24 a 31 de Outubro passados. Segundo elemento da organização, o festival foi um sucesso e superou todas as expectativas. Houve uma grande adesão do público, com a maioria das sessões esgotadas.

Na abertura do festival foi exibido "The revolution will not be televised", de Kim Bartley e Donnacha O'Brian, que relata as 48 horas do golpe de estado contra Hugo Chávez na Venezuela, em Abril de 2002. Ao longo do evento foram também exibidos vários documentários nacionais e estrangeiros, muitos nunca vistos em Portugal. As obras distribuíram-se por várias categorias: "Competição internacional", "Para onde vai o documentário português", "Foco sobre Espanha" "Como entender o Médio Oriente" e "Sessões especiais". Todas legendadas em português.

O júri da competição internacional atribuiu dois prémios: "In the dark" para melhor curta metragem e "A scuola", como melhor longa metragem do festival. A exibição dos filmes vencedores ocorreu terça, dia 2 de Novembro. Na classe de "Primeiras obras e prémio Tóbis", foram galardoados os documentários "Fruitful Summer", melhor primeira obra documental, e "Autografia" para melhor documentário português. O júri Escolas elegeu "No jardim do mundo" como o melhor documentário português. Todos os filmes constantes da competição internacional foram produzidos no biénio 2003/2004 e divididos entre



Mário Cesariny em "Autografia", de Miguel Gonçalves Mendes.

curtas e longas metragens.

Contámos com três presenças em língua portuguesa: "No jardim do Mundo", "Olhar por dentro" e "O prisioneiro da grade de ferro". Este, do brasileiro Paulo Sacramento, lança um olhar para Carandiru, a maior prisão da América Latina, em São Paulo. No respeitante a filmes internacionais, foi possível visualizar o muito aclamado e criticado "Checkpoint" de Yoav Shamir, que lança um retrato sobre o quotidiano na faixa de Gaza.

"Para onde vai o documentário português" pretendeu divulgar e fazer reflectir sobre a produção nacional do género nos últimos anos. Contou com dez documentários, de entre os setenta enviados ao festival. Destacam-se "O arquitecto e a cidade velha", de Catarina Alves Costa, sobre a Cidade Velha em Cabo Verde; "Je t'aime... moi non plus", o primeiro documentário de Maria de Medeiros, que partilha o título com a eterna música de

aumentar o agregado familiar de Brigitte Bardot e Serge Gainsbourg; e "Entre duas terras", visão da aldeia da Luz.

Na secção "Como entender o Médio Oriente", as obras relatam o conflito israelo-árabe, enquanto que "Foco sobre Espanha" mostrou vários documentários dos dez últimos anos da produção espanhola.

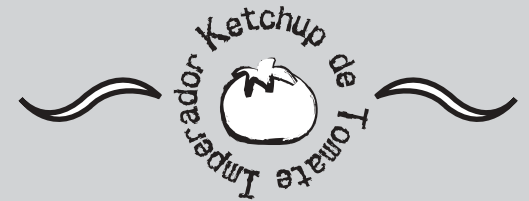
Finalmente, "Sessões especiais" incluiu uma *master class* de Nicolas Philibert, realizador de "être et avoir", documentário sobre uma escola de aldeia estreado em Portugal este ano. De destacar a exibição de "Domestic Violence 2", de Frederic Wiseman, e "Le monde selon Bush", documentário de William Karel que retrata a ascensão do actual presidente dos EUA, George W. Bush: um "Fahrenheit 9/11" no sistema métrico.

Todos documentários foram exibidos nos auditórios da Culturgest, na sede da Caixa Geral de Depósitos. Estiveram

também disponíveis na videoteca. Como complemento, não faltaram os debates e encontros com realizadores, produtores e críticos de cinema, abertos a todos os interessados.

Este festival foi produzido pela Culturgest e a Apordoc – Associação pelo documentário. Contou com o apoio do canal Odisseia, ministério da Cultura, câmara municipal de Lisboa entre outras entidades. O docLisboa foi realizado pela primeira vez em 2002 no Centro Cultural de Belém, continuando uma década de Encontros Internacionais de Cinema Documental na Malaposta. A primeira edição deste festival contou com algumas dificuldades devido a um corte de financiamento da câmara municipal. Este ano retornou com uma nova equipa coordenadora, que pretende que o sucesso agora verificado se repita nas próximas edições.

Mais informações em <http://www.doclisboa.org>.



A Pirâmide

O restaurante situa-se na cave do Centro Comercial do Cine222, conhecido pelas suas projecções cinematográficas alternativas—ora cerebrais, urbanas e ocidentais, ora oriundas do sub-continentes indiano. Mas foi a paragens do magrebe que descemos, qual amigável e exercito invasor, colocando-nos ao abrigo de um qualquer missil sionista ou americano.

O equipamento hoteleiro é banal com cadeiras a dever alguma coisa à confortabilidade. Destaque para a televisão bem posicionada, que nos permitiu ir espreitando um *derby* futebolístico. O serviço é prestável mas um pouco demorado.

Nas entradas, o faláfel brinda-nos com uma descoberta inesquecível num misto de chamuça e patanisca de tamanho reduzido (mas com ingredientes exclusivamente vegetais). Pode acompanhar salada taína que sublinha o sabor marcado das especiarias e abre enormemente o apetite.

Nos pratos, provamos o macarrão com bechamel e carne; o masahi (arroz enrolado em couve lombarda) com carne; o cuscus com legumes; a lúbia (feijão estufado); o frango frito no forno e o arroz com natas e carne. Estas iguarias não os conseguiram transportar para as areias do deserto com a facilidade do faláfel pois, no fundo, os sabores são os da nossa cozinha. Destaque para o facto de as porções servidas excederem o conceito de uma dose. Perfeito para duas pessoas de apetite moderado e carteira leve.

Fieis ao ambiente muçulmano abstinemo-nos de álcool e acompanhámos com sumo de manga, carcaré (chá fresco de flores), tamarim (sumo de tâmaras) e refresco de menta com gasosa. Aqui o destaque vai para sumo de manga e o tamarim, não muito doces.

Para acabar da melhor maneira, pedimos chicha, o famoso cachimbo de água egípcio, sabor de maçã e acompanhado de chá de menta. Este pode ser o momento mais relaxante de um dia agitado: basta um encostar nas almofadas dispostas a um canto e deixar os problemas esfumarem-se, entre dois goles de chá.

Egípcio para alguns, medianamente oriental para outros, bom para todos. O repasto variado e seis euros por uma refeição com cachimbo é realmente um achado. Implica isto a pontuação total de dois tomates, algo nunca visto em restaurantes mais cristãos.

Morada: Av. da Praia da Vitória, nº39 (CC Cine222)

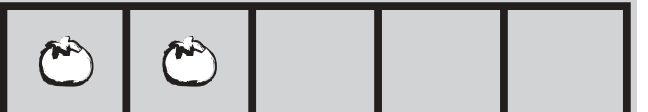
Telefone: 213 143 532

Internet: <http://www.saleh-torky.web.pt/>

Fechado: domingos e no Ramadão

Preço médio por refeição: 6EUR (partilhando uma dose)

Especialidades: Faláfel, cachimbo de água, chá de menta



A qualidade é inversamente proporcional à quantidade de Ketchup

A LIVRARIA DO CALEIDOSCÓPIO
AGORA ESTÁ A 50 METROS DO IST

10% DE DESCONTO AOS ALUNOS IST

Livraria ESCOLAR EDITORA

Desporto

Saltitão a bem da Nação

Nuno Merino, trampolinista olímpico e aluno da Escola, fala sobre sobre cambalhotas, marranço e muito mais

■ Jorge Páramos

Nos últimos anos convivemos resignados aos desaires no atletismo e oscilações dos imberbes do chuto na bola. Assim, assistimos com alívio e alegria ao resgate da honra nacional nos recentes Jogos Olímpicos de Atenas. Sem prejuízo de demais conquistas, destacam-se três atletas de excepção: Francis Obikwelu, medalha de prata nos cem metros rasos, Sérgio Paulinho, também segundo no ciclismo em estrada, e Nuno Merino. Que, com 40,10 pontos, obteve o sexto lugar na final de ginástica de trampolim — contra os 41,50 do vencedor, o ucraniano Yuri Nikitin.

Para o menos atento, o seu feito feito parece não rivalizar com os primeiros. No entanto,

foi alvo unânime de destaque na imprensa e alvo de múltiplas homenagens, culminando no ponto máximo da projecção cultural lusa: foi tema de pergunta no “Quem quer ser milionário”. A concorrente usou a ajuda dos 50%. Passou.

As razões para a merecida glória sucedem-se: talvez por ser o primeiro português a pisar o palco de uma final olímpica em ginástica, tradicionalmente proibido a latinos e derivados. Talvez porque o fez na modalidade de trampolim, praticamente desconhecida do espectador e das mais recentes nos Jogos. Ou, talvez, porque é do Técnico.

Encontrámo-lo numa manhã chuvosa, a exercitar a sua condição de estudante anónimo no bar de Química. Bem dormido, que o café é um vício que não



Salta daí, jovem!

acolhe. Afinal, como é ser trampolinista no Técnico e futuro engenheiro informático

aos pulos — e em paralelo? A conversa seguiu animada. O nosso campeão lembrou o

seu início no trampolim em Tomar e a evolução até ao actual nível mundial. Explicou porque escolheu o Técnico — e porque escolheu bem. E como ser estudante e olímpico é possível, mas pouco.

Muito pouco. Navega com dificuldade entre os treinos diários e projectos de programação, exames e outras obrigações académicas. Com estágios periódicos no estrangeiro e competições exigentes pelo mundo fora, a prova mais difícil será talvez conciliar o estudo com a alta competição.

Com pés bem assentes na terra, Nuno considera que o estatuto de alta competição é insuficiente. Este oferece épocas especiais e outras regalias, mas referentes apenas à avaliação dos conhecimentos adquiridos. Na sua opinião, faltam

soluções para o ensino.

Espevitado, sugere a implementação de um regime tutorial: com flexibilidade de horário e de avaliações e a figura do tutor, professor responsável que funcione como elo de ligação entre o aluno e a Escola. Salienta que não pretende uma simplificação do ensino, mas a sua adequação ao ritmo e exigência da alta competição — ideias simples de quem recusa o estatuto de elite e pretende ser “o mais normal possível”.

Humilde, o colega já herói nacional quer apenas garantir a qualificação para os próximos Jogos Olímpicos. As alegrias nacionais virão depois.

A entrevista completa está disponível na linha, em diferencial.ist.utl.pt

Agenda • Agenda • Agenda • Agenda • Agenda • Agenda • Agenda • Agenda

Exposições

• *A Fotografia na Coleção Berardo*
Obras de Aleksandr Rodchenko, Andreas Gursky e outros grandes nacionais e internacionais.
De 1 de Fevereiro a 27 de Março em Sintra, Museu de Arte Moderna

• *Os Dinossáurios da Patagónia*
Os saldos e o paleolítico superior misturam-se com alegria.
Até 3 de Fevereiro no centro comercial Colombo.

Ópera

• *Medea, de Luigi Cherubini*
Com os solistas Dimitra Theodossiou, Annamaria Dell'Oste e Stefano Secco; Sinfónica Portuguesa dirigida por Marko Letonja; encenação de Luís Miguel Sintra
Até 6 de Fevereiro no Teatro Nacional de São Carlos, Largo de São Carlos.

Música Erudita

• *Orquestra do Real Concertgebou de Amsterdão Sinfonia N° 6, a Trágica de Gustav Mahler*
Uma das melhores orquestras do mundo, uma obra poderosa do ultra-romantismo. Direcção de Mariss Jansons.
Coliseu dos Recreios, Rua das Portas de Santo Antão, 9 de Fevereiro às 21h

• *Grigory Sokolov*
Um dos maiores pianistas no activo, toque o que tocar. Possivelmente esgotado, mas tente-se a sorte...
7 de Fevereiro, às 19h no grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, Av. Berna

Música Pop

• *Jorge Palma*
Apresentação sóbria
19 de Fevereiro às 22h no Forum Lisboa à Av. de Roma

Música Muito Pop

• *Bryan Adams*
Vinte e cinco anos de carreira de um homem que continua a cantar para adolescentes. Primeira parte de João Pedro Pais. Esgotado 31 de Janeiro no Pavilhão Atlântico, Parque das Nações

Cinema

• *Team America – Polícia Mundial*
Dos criadores de South Park
Nas salas comerciais

• *A bout de Souffle – O Acochado*
O clássico da *Nouvelle Vague* de Jean-Luc Godard. Um grande filme, mas epidérmico, nas palavras do maestro Visconti
31 de Janeiro, hoje, às 19h30
• *Retrospectiva integral de João César Monteiro*
Oportunidade de ver ou rever todas as obras deste

génio português da cinematografia mundial
Em Fevereiro
Cinemateca Portuguesa, Rua Barata Salgueiro

Teatro

• *Morte de Romeu e Julieta*
Alguns artistas mais conhecidos das novelas atacam uma adaptação de Shakespeare. É um tira-teimas com o apoio da venerável Cornucópia
Até 13 de Fevereiro no Teatro do Bairro Alto, Rua Tenente Raúl Cascais

Baile

• *Bal Moderne – Baile Moderno*
Ao publico ensinam-se pequenas danças de autor que depois se praticam e repetem pela tarde dentro.
5 e 6 de Fevereiro, das 16h00 às 20h00 no grande auditório da Culturgest. Entrada Gratuita

Palavras Cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Horizontais: 1—existes; avestruz (pl.); unidade de medida de ângulo (abrev.). 2—arremessam; Irlanda. 3—chefe da Máfia; oriundo da Rússia. 4—marca comercial de bacalhau; Estudos Gerais (abrev.). 5—satélite natural; ódio. 6—sistema de travagem automóvel (abrev.); claque benfiquista (abrev.); coligação de direita (abrev.). 7—bovídeo (pl.); apetite sexual dos animais (pl.). 8—cidade suméria; tirano do séc. XVI; grito de dor (int.). 9—número de contribuinte (abrev.); riqueza. 10—pintor surrealista; ladrão. 11—doidivas.

Verticais: 1—ensino à distância (abrev.); ex-cão do IST. 2—sinal de paragem obrigatória; estimar. 3—inspirais (imp.); Lituânia (domínio internet de topo). 4—érbio (s.q.); apoio financeiro. 5—sinais; olhei. 6—aborrecimento; jugo que se aplica aos bois. 7—peixe muito apreciado em Portugal (pl.) 8—povo do leste europeu; extraterrestre (abrev.). 9—curso de água; deslocou para fora. 10—aspecto; primeira mulher (mit.); vaso. 11—pouco espesso; sono (inf.).

Cartoon



Últimas

Igor parte a pata. O cão salvo pela AEIST está tramado. Há duas semanas, partiu à aventura, e voltou de perna partida... Precisa-se de ajuda para os curativos.

Colaborar. O Diferencial e o jornalismo no Técnico precisam de ti! Se gostas de escrever, tirar fotografias, percebes de PHP, tipografia, contabilidade ou labores, contacta: colaborar@diferencial.ist.utl.pt

Pilhão. Disseram-nos que há um pilhão no átrio da torre de electricidade.